



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Já 19:23

Literatura



Gil Vicente

Farsa dos Almocreves



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Farsa dos Almocreves

Gil Vicente

Transcrição e atualização ortográfica

Iba Mendes

Do ano de 1526.

Livro Digital nº 918 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Gil Vicente

(1465/1466 – 1536/1540)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

FARSA DOS ALMOCREVES



Esta seguinte farsa foi feita e representada ao muito poderoso e excelente Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Coimbra, na era do Senhor de 1526.

FIGURAS:

FIDALGO

PAJEM

CAPELÃO

OURIVES

PERO VAZ

VASCO AFONSO } (Almocreves)

OUTRO FIDALGO

(O fundamento desta farsa é que um fidalgo de muito pouca renda usava muito estado, e tinha capelão seu e ourives seu, e outros oficiais, aos quais nunca pagava: e vendo-se o seu Capelão esfarrapado e sem nada de seu, entra dizendo)

CAPELÃO

Pois que não posso rezar,
Por me ver tão esquipado,
Por aqui por este arnado
Quero um pouco passear
Por espaçar meu cuidado.

E prosarei o romance
De *Yo me estava en Coimbra*,
Pois Coimbra assim nos cimbra,
Que não há quem preto alcance.

(Grosa)

Yo ine estava en Coimbra,
Cidade bem assentada;
Pelos campos de Mondego
Não vi palha nem cevada.

Quando aquilo vi mesquinho,
Entendi que era cilada
Contra os cavalos da corte
E minha mula pelada.

Logo tive a mau sinal
Tanta milhã apanhada,
E a peso de dinheiro
O mula desemparrada.

Vi vir ao longo do rio
Uma batalha ordenada,
Nã de gente, mas de mus,
Com muita raiva pisada.

A carne está em Bretanha,
E as couves em Biscaia.

Sam capelã dum fidalgo
Que nã tem renda nem nada;
Quer ter muitos aparatos,
E a casa anda esfaimada;

Toma ratinhos por pajens,
Anda já a cousa danada.
Quero-IÉ pedir licença,
Pague-me minha soldada

(Chega o Capelã a casa do Fidalgo e faltando com ele, diz)

CAPELÃO
Senhor, já será razão.

FIDALGO
Avante, padre, falai.

CAPELÃO
Digo que em três anos vai

Que sou vosso capelão.

FIDALGO

É grande verdade: avante.

CAPELÃO

Eu fora já do Infante,
E pudera ser que del-rei.

FIDALGO

À bofé, padre, não sei.

CAPELÃO

Si, senhor, que eu sou d'estante,
Ainda que cá me empreguei.

Ora pois veja, senhor,
Que é o que me há de dar,
Porque além do altar
Servia de comprador.

FIDALGO

Não vo-lo hei de negar:
Fazei-me uma petição
De tudo quanto requereis.

CAPELÃO

Senhor, não me prolongueis,
Que isso não traz conclusão,
Nem vejo que a quereis.
Porque me fiz polo vosso
Clericus et negociatores.

FIDALGO

Assi vos dei eu favores,
E disso pouco que eu posso
Vos fiz mais que outros senhores:

Ora um clérigo que mais quer

De renda nem doutro 'bem,
Que dar-IE homem de comer,
Que é cada dia um vintém,
E mais muito a seu prazer?

Ora a honra que se monta —
É capelão de fuão!

CAPELÃO

E do vestir não fazeis conta?
E esse comer com paixão,
E dormir com tanta afronta,
Que a coroa jaz no chão,

Sem cabeçal, e à uma hora
E missa sempre de caça?
E por vos cair em graça
Servia-vos também de fora,
Até comprar sibas na praça.

E outros carregozinhos
Desonestos pera mi.
Isto, senhor, é assi.
E azemel nesses caminhos,
Arre aqui e arre ali,

E ter carregos dos gatos,
E dos negros da cozinha,
E alimpar-vo-los sapatos,
E outras cousas que eu fazia.

FIDALGO

Assi fiei eu de vós
Toda a minha esmolaria,
E daveis polo amor de Deus,
Sem vos tomar conta um dia.

CAPELÃO

Dos três anos que eu alego,

Dá-la-ei logo sem pendenças:
Mandastes dar a um cego
Um real por endoenças.

FIDALGO

Eu isso não vo-lo nego.

CAPELÃO

E logo daí a um ano,
Pera ajuda de casar
Uma órfã, mandastes dar
Meio côvado de pano
De Alcobaça por tosar.

E nos dons anos primeiros
Repartistes três pescadas
Por todos esses mosteiros,
Na Pederneira compradas
Daquestes mesmos dinheiros.

Ora eu recebi cem reais
Em três anos, contai bem,
Tenho aqui meio vintém.

FIDALGO

Padre, boa conta dais.
Ponde tudo num item,
E falai ao meu Doutor,
Que ele me falará nisso.

CAPELÃO

Deixe Vossa Mercê isso
Pera el-rei nosso senhor,
E vós falai-me de siso.

Que como, senhor, me ficastes
(Isto dentro em Santarém)
De me pagardes mui bem...

FIDALGO

Em quantas missas me achastes?
Das vossas digo eu porém.

CAPELÃO

Que culpa vos tem Samora?
Por vós estão elas nos céus.

FIDALGO

Mas tomai-as para vós,
E guardai-as muito embora,
Então pague-vo-las Deus:
Que eu não gasto meus dinheiros
Em missas atabalhoadas.

CAPELÃO

E vós fazeis foliadas
E não pagais ó gaitreiro?
Isso são balcarriadas.

Se vossas mercês não hão
Cordel pera tantos nós,
Vivei vós aquém de vós,
E não compreis gavião,
Pois que não tendes pios.

Trazeis seis moços de pé
E acrescentai-los a capa,
Coma rei, e por mercê,
Não tendo as terras do Papa,
Nem os tratos de Guiné,

Antes vossa renda encurta
Coma pano de Alcobaça.

FIDALGO

Todo o fidalgo de raça,
Em que a renda seja curta,
É por força que isso faça.

Padre, mui bem vos entendo:
Foi sempre a vontade minha
Dar-vos a el-rei ou à Rainha.

CAPELÃO

Isso me vai parecendo
Bom trigo, se der farinha.
Senhor, se me isso fizer,
Grande mercê me fará.

FIDALGO

Eu vos direi que será:
Dizei agora um profácio, a ver
Que voz tendes pera lá.

CAPELÃO

Folgarei eu de o dizer;
Mas quem me responderá?

FIDALGO

Eu.

CAPELÃO

Per omnia secula seculorum.

FIDALGO

Amen.

CAPELÃO

Dominus vobiscum.

FIDALGO

Avante.

CAPELÃO

Sursum corda.

FIDALGO

Tendes essa voz tão gorda,
Que pareceis alinfante

Depois de farto de açorda.

CAPELÃO

Pior voz tem Simão Vaz,
Tesoureiro e capelão
E pior o Adaião,
Que canta como alcatraz,
E outros que por i estão.

Quereis que acabe a cantiga,
E vereis onde vou ter.

FIDALGO

Padre, eu hei de ter fadiga,
Mas del-rei haveis de ser:
Escusada é mais briga.

CAPELÃO

Sabeis em que está a contenda?
Direis: é meu capelão:
E el-rei sabe a vossa renda,
E rir-se-á se vem à mão,
E remeter-me-á à Fazenda.

FIDALGO

Se vós fôreis entoadado.

CAPELÃO

Que bem posso eu cantar
Onde dão sempre pescado,
E de dous anos salgado,
O pior que há no mar?

(Vem um Pajem do Fidalgo, e diz)

PAGEM

Senhor, o ourives sé ali.

FIDALGO

Entre. Quererá dinheiro.
Venhais embora cavaleiro:
Cobri a cabeça, cobri.
Tendes grande amigo em mi,
E mais vosso pregoeiro.

Gabei-vos ontem a el-rei
Quanto se pôde gabar,
E sei que vos há de ocupar,
E eu vos ajudarei
Cada vez que me i achar.

Porque ás vezes estas ajudas
São melhores que cristéis,
Porque só a fama que haveis,
E outras cousas meúdas
O que valem já sabeis.

OURIVES

Senhor, eu o servirei
E não quero outro senhor.

FIDALGO

Sabeis que tendes melhor?
Eu o dixei logo a el-rei,
E faz em vosso louvor:

Não vos dá mais que vos paguem,
Que vos deixem de pagar.
Nunca vi tal esperar,
Nunca vi tal vantagem,
Nem tal modo de agradar.

OURIVES

Nossa conta é tão pequena,
E há tanto que é devida,
Que morre de prometida,
E peço-a já com tanta pena,
Que depeno a minha vida.

FIDALGO

Ora olhai esse falar
Como vai bem martelado!
Folgo não vos ter pagado,
Por vos ouvir martelar
Marteladas de avisado.

OURIVES

Senhor, beijo-vo-las mãos,
Mas o meu queria eu na mão.

FIDALGO

Também isso é cortesão:
Senhor, beijo-vo-las mãos,
O meu queria eu na mão.

Que bastiães tão louçãos!
Quanto pesava o saleiro?

OURIVES

Dous marcos bem, ouro e fio.

FIDALGO

Essa é a prata: e o feitio?

OURIVES

Assaz de pouco dinheiro.

FIDALGO

Que vai com feitio e prata?

OURIVES

Justos nove mil reais.
E não posso esperar mais,
Que o vosso esperar me mata.

FIDALGO

Rijamente me apertais.

E fazeis-me mentiroso,
Que eu gabei-vos doutro jeito;
E se eu tornar ao defeito,
Não será proveito vosso.

OURIVES

Assi que o meu saleiro peito?

FIDALGO

Ele é dos mais maus saleiros,
Que eu em minha vida comprei.

OURIVES

Ainda o eu tomarei
A cabo de três janeiros
Que há que vo-lo eu fiei.

FIDALGO

Já agora não é razão;
Eu não quero que vós percais.

OURIVES

Pois por que me não pagais?
Que eu mesmo comprei carvão
Com que me encarvoçais.

FIDALGO

Moço, vai-me ver o que faz el-rei,
Se parecem Damas lá:
Este dia não se vá
Em pagarás, não pagarei.
E vós tornai outro dia cá.

Se não achardes a mi,
Falai com o meu Camareiro,
Porque ele tem o dinheiro,
Que cada ano vem aqui
Da renda do meu celeiro;

E dele recebereis
O mais certo pagamento.
E pagais-me aí com o vento,
Ou com as outras mercês?

FIDALGO

Tomai-lhe vós o tento.

(Indo-se o Capelão, vai dizendo)

CAPELÃO

Estes hão de ir ao paraíso?
Não creio eu logo nele.
Eu lhes mudarei a pele:
Daqui avante siso, siso,
Juro a Deus que me abroquele.
Vem o Pajem com recado e diz:

PAGEM

Senhor, in-rei sé no Paço.

FIDALGO

Em que casa?

PAJEM

Isto abasta.

FIDALGO

O recado que ele dá!
Ratinho és de ma casta.

PAJEM

Abonda, bem sei eu o que eu faço.

FIDALGO

Abonda! olhai o vilão.
Damas parecem per i?

PAJEM

Si, senhor, damas vi,
Andavam pelo balcão.

FIDALGO
E quem eram?

PAJEM
Damas mesmas.

FIDALGO
Como as chamam?

PAJEM
Não as chamava ninguém.

FIDALGO
Ratinhos são abantesmas,
E quem por pajens os tem.
Eu hei de fazer por haver
Um pajem de boa casta.

PAJEM
Ainda eu hei de crescer:
Castiço sou eu que basta,
Se me Deus deixa viver.
Pois o mais o deprenderei,
Como outros como eu per i.

FIDALGO
Pois faze-o tu assi,
Porque hás de ser del-rei,
Moço da Câmara ainda.

PAJEM
Boa foi logo cá a vinda.

Assi que até os pastores
Hão de ser del-rei samica!
por isso esta terra é rica

De pão, porque os lavradores
Fazem os filhos paçãos.
Cedo não há de haver vilãos:
Todos del-rei, todos del-rei.

FIDALGO

E tu zombas? PAJEM
Não, mas antes sei
Que também alguns cristãos
Hão de deixar a costura.
Torna o Capelão.

CAPELÃO

Vossa Mercê por ventura
Falou já a el-rei em mi?

FIDALGO

Ainda jeito não vi.

CAPELÃO

Não seja tão longa a cura
Como o tempo que servi.

FIDALGO

Anda el-rei tão ocupado
Com este Turco, com este Papa,
Com esta França, com esta trapa,
Que não acho vão azado,
Porque tudo anda solapa.

Eu entro sempre ao vestir;
Porém pera arrecadar
Ha mister grande vagar.
Podeis-me em tanto servir,
Até que eu veja logar.

CAPELÃO

Senhor, queria conclusão.

FIDALGO

Conclusão quereis? Bem, bem,
Conclusão há em alguém.

CAPELÃO

Conclusão quer conclusão,
E não há conclusão em nada.
Senhor, eu tenho gastada
Uma capa e um mantão;
Pagai-me a minha soldada.

FIDALGO

Se vós pudésseis achar
A altura de Leste a Oeste,
Pois não tendes voz que preste,
Perequi era o medrar.

CAPELÃO

E vós pagais-me c'o ar?
Mao caminho vejo eu este. (*Vai-se*)

PAGEM

Deve-o el-rei de tomar,
Que luta coma danado.
Ele é do nosso lugar;
De moço guardava gado,
Agora veio a bispar.

Mas não sinto capelão
Que lhe diante um par de quedas,
E chama-se o Labaredas.

FIDALGO

E cá chama-se Cotão,
Mais fidalgo que os Azedas.

Satisfação me pedia,
Que é pior de fazer
Que queimar toda Turquia;

Porque do satisfazer
Nasceu a melancolia.

(Vem Pero Vaz, almocreve, que traz um pouco de fato do Fidalgo, e vem tangendo a chocalhada e cantando)

PERO VAZ

"A serra é alta, fria e névosa,
"Vi venir serrana gentil, graciosa."

Arre, mulo namorado!

Que custaste no mercado
Sete mil e novecentos
E um traque pera o siseiro.
Apre, ruço, acrescentado
A moradia de quinhentos,
Paga per Nuno Ribeiro.

Dix, pera a paga e pera ti.
Arre, arre, arre embora,
Que já as tardes são de amigo.
Apre, besta do ruim.
Uxtix! o atafal vai por fora
E a cilha no embigo.

São diabos pera os ratos
Estes vinhos da Candosa.

"A serra é alta fria e nevosa,
Vi venir serrana, gentil, graciosa."

Apre cá ieramá,
Que te vás todo torcendo,
Como jogador de bola.
Uxtix, uxtexulo cá,
Que t'eu dou irás gemendo
E resoprando sob a cola.

Ao corpo de mi Tareja,
Descobris-vos vós na cama.
Parece? Dix, pera vossa ama:
Não criarás tu i vareja.

"Vi venir serrana, gentil, graciosa,
Cheguei-me para ela com gran cortesia."

Mando-vos eu suspirar i
Pola padeira de aveiro,
Que haveis de chegar à venda,
E então ali desalbardar,
E albardar o vendeiro,
Se não tiver que vos venda...

Vinho a seis, cabra a três,
Pão de calo, filhos de manteiga,
Moça formosa, lençóis de veludo,
Casa juncada, noite longa,
Chuva coin pedra, telhado novo,
A candeia morta, gaita à porta.

Apre, zambro, empeçarás.
Olha tu não te ponha eu
Óculos na rabadilha,
E verás per onde vás,
Demo que te eu dou por seu,
E andarás lá de cilha.

"Cheguei-me a ela de gran cortesia,
Disse-lhe: Senhora, quereis companhia?"

(Vem Vasco Afonso, outro almocreve, e topam-se ambos no caminho, e diz)

PERO VAZ
Hôu, Vasco Afonso, onde vás?

VASCO AFONSO
Uxtix, por esse chão.

PERO VAZ

Não trais chocalhos nem nada?

VASCO AFONSO

Furtaram-mos lá detrás

Um fi d eputa ladrão

Na venda da repeidada.

PERO VAZ

I bebemos nós à vinda.

VASCO AFONSO

Cujo é o fato, Pero Vaz?

PERO VAZ

Dum fidalgo. Dou ó diabo

O fato e o seu dono com ele.

VASCO AFONSO

Valente almofreixe traz.

PERO VAZ

Toma o mu de cabo a rabo.

VASCO AFONSO

Pardeus, carrega leva ele.

PERO VAZ

Uxtix, agora não paceram eles,

E lá por essas chamecas

Vem roendo as urzeiras.

VASCO AFONSO

Leixa-os tu, Pero Vaz, que eles

Acham aqui as ervas secas,

E não comem giesteiras.

E quanto te dão por besta?

PERO VAZ

Não sei, assi Deus me ajude.

VASCO AFONSO

Não fizeste logo o preço?

Mal hás tu de livrar desta.

PERO VAZ

Leixei-o em sua virtude,

No que ele vir que eu mereço.

VASCO AFONSO

Em sua virtude o leixaste?

E trá-la ele consigo,

Ou há de ir buscá-la ainda?

Oh que arama te fretaste!

Queres apostar comigo

Que tu renegues da vinda?

PERO VAZ

Ele pôs desta maneira

A mão na barba e me jurou

De meus dinheiros pagá-los.

VASCO AFONSO

Essa barba era inteira

A mesma em que te jurou,

Ou bigodezinhos ralos?

PERO VAZ

Ora Deus sabe o que faz,

E o Juiz da Samora:

De fidalgo é manter fé.

VASCO AFONSO

Bem sabes tu, Pero Vaz,

Que fidalgo há já agora,

Que não sabe se o é.

Como vai a ta mulher

E todo teu gasalhado?

PERO VAZ
O gasalhado i ficou.

VASCO AFONSO
E a mulher?

PERO VAZ
Fugiu.

VASCO AFONSO
Não pôde ser!
Como estarás magoado,
Ieramá!

PERO VAZ
Bofá não estou. —
Uxtix, sempre hás de andar
Debaixo dos soveiros?
E a mi que me dá disso?

VASCO AFONSO
Por força te há de pesar
Se rirem de ti os vendeiros.

PERO VAZ
Não tenho de ver com isso.
Vai, Vasco Afonso, ao teu mu,
Que se quer deitar no chão.

VASCO AFONSO
Pesa-te, mas desingulas.

PERO VAZ
Não pesa; bem sabes tu
Que as mulheres não são
Todo o Verão senão pulgas.

Isto é quanto à saudade

Que eu delia posso ter;
E quanto ao rir das gentes,
Ela faz sua vontade;
Foi-se per i a perder,
E eu não perdi os dentes.

Ainda aqui estou inteiro,
Vasco Afonso, como de antes,
Filho de Afonso Vaz,
E neto de já n Diz pedreiro,
E de Branca Anes de abrantos.
Não me faz nem me desfaz.

Do que me fica grande dó,
Que teve razão de se ir,
E em parte não é culpada;
Porque ela dormia só,
E eu sempre ia dormir
C'os meus mus à Meijoadá.

Queria-a eu ir poupando
Pera lá pera a velhice,
Como colcha de Medina;
E ela, mosca Fernando,
Quando viu minha pequice,
Foi descobrir outra mina.

VASCO AFONSO
E agora que farás?

PERO VAZ
Irei dormir à Cornaga,
E amanhã à Cucanha;
E tu vai, embora vás,
Que eu vou servir esta praga,
E veremos que se ganha.
(*Vai cantando*)
"Disse-lhe, senhora, quereis companhia?
Disse-me, Escudeiro, segui vossa via."

PAGEM

Senhor, o almocreve é aquele,
Que os chocalhos ouço eu:
Este é o fato, senhor.

FIDALGO

Ponde todo cobro nele.

PERO VAZ

Uxtix, mulo do judeu!
O fato u se há de pôr?

PAJEM

Venhais embora, Pero Vaz.

PERO VAZ

Mantenha Deus vossa mercê.

PAJEM

Viestes polas Folgosas?

PERO VAZ

Aí estive eu hoje faz
Oito dias pé por pé,
Em casa d'umas tias vossas.

PAJEM

Ora meu pai que fazia?

PERO VAZ

Cavando andava bacelo,
Bem cansado e bem suado.

PAJEM

E minha mãe?

PERO VAZ

Levava o gado
Lá pera Vai de Cobelo,

Mal roupada que ela ia.
Uxtix, que mau lambaz!
E vossa mercê que faz?

PAJEM
Estou loução como que.

PERO VAZ
E à bofé cresceis assaz.
Saúde que vos Deus dê.

PAGEM
Eu sou pajem de meu senhor,
Se Deus quiser pajem da lança.

PERO VAZ
E um fidalgo tanto alcança?
Isso é de imperador.
Ora prenda el-rei de França.

PAJEM
Ainda eu hei de chegar
A cavaleiro fidalgo.

PERO VAZ
Pardeus, João Crespo Penalvo,
Que isso seria esperar
De mau rafeiro ser galgo.

Mais formoso está ao vilão
Mao burel, que mau frisado,
E romper matos inaninhos;
E ao fidalgo de nação
Ter quatro homens de recado,
E leixar lavrar ratinhos.

Que em Frandes e Alemanha,
Em toda França e Veneza,
Que vivem por siso e manha,

Por não viver em tristeza,
Não é como nesta terra;
Porque o filho do lavrador
Casa lá com lavradora,
E nunca sabem mais nada;
E o filho do broslador
Casa com a brosladora:
Isto per lei ordenada.

E os fidalgos de casta
Servem os reis e altos senhores,
De tudo sem presunção,
Tão chãos, que pouco lhes basta.
E os filhos dos lavradores
Pera todos lavram pão.

PAGEM

Quero ir dizer de vós.

PERO VAZ

Ora ide dizer de mi;
Que se grave é Deus dos céus,
Mais graves deuses há aqui.

PAJEM

Senhor, ali vem o fato,
E está à porta o almocreve:
Vede quem lhe há de pagar
Isso tal que se lhe deve.

FIDALGO

Isto é com que me eu mato.
Quem te manda procurar?
Atenta tu polo meu,
E arrecada-o muito bem,
E não cures de ninguém.

PAJEM

Ele é de apar de Viseu,

E homem que me pedem;
Pois a porta lhe abri eu.
(Entra dentro o almocreve e diz)

PERO VAZ

Senhor, trouxe a frasearia
De vossa mercê aqui.
I estão os mus albardados.

FIDALGO

Essa é a mais nova Arábia
De almocreve que eu vi:
Dou-te vinte mil cruzados.

PERO VAZ

Mas pague-me vossa mercê
O meu aluguer, nó mais,
Que me quero logo ir.

FIDALGO

O aluguer quanto é?

PERO VAZ

Mil e seis centos reais,
E isto por vos servir.

FIDALGO

Falai c'o meu azemel,
Porque é doutor das bestas
E astrólogo dos mus,
Que assente em um papel
Per avaliações honestas
O que se monta: ora sus.

Porque esta é a ordenança
E estilo de minha casa;
E se o azemel for fora,
Como cuidado que é em França,
Dareis outra volta à massa,

E ir-vos-eis por agora.
Vossa paga é nas mãos.
PERO VAZ
Já a eu quisera nos pés,
Ó pesar de minha mãe.

FIDALGO

E tens tu pai e irmãos?

PERO VAZ

Pagai, senhor, não zombeis,
Que sou de além do sertão,
E não posso cá tornar.

FIDALGO

Se cá vieres à corte,
Pousarás aqui c'os meus.

PERO VAZ

Nunca mais hei de fiar
Em fidalgo desta sorte,
Em que o mande São Mateus.

FIDALGO

Faze por teres amigos,
E mais tal homem como eu,
Porque dinheiro é um vento.

PERO VAZ

Dou eu já ó demo os amigos
Que me a mi levam o meu.

(Vai-se o almocreve, e vem outro Fidalgo, e diz o primeiro Fidalgo)

PRIMEIRO FIDALGO

Oh que grande saber vir,
E que gran saber-me a vontade!

SEGUNDO FIDALGO

Pois, senhor, que vos parece?
Desejo de vos servir,
E não quero que venha à cidade
Um quem não parece esquece.

PRIMEIRO FIDALGO
Paguei soma de dinheiro
A um ourives agora,
De prata que me lavrou,
E paguei a um recoveiro,
Que é a dar dinheiros fora
A quem não sei como os ganhou.

SEGUNDO FIDALGO
Ganham-nos tão mal ganhados,
Que vos roubam as orelhas.

PRIMEIRO FIDALGO
Pola hóstia consagrada
E polo Deus consagrado,
Que os lobos nas ovelhas
Não dão tão crua pancada.

Polos santos evangelhos,
E polo *omnium sanctorum*,
Que até o meu capelão,
Por mezinhas de coelhos
E uma *secula seculorum*,
Lhe dou por missa um tostão.

Não há já homem em Portugal
Tão sujeito em pagar,
Nem tão forro pera mulheres.

SEGUNDO FIDALGO
Guardai vós esse bem tal,
Que a mi hão-me de matar
Bem me queres mal me queres.

PRIMEIRO FIDALGO

Por quantas damas Deus tem
Não daria nem migalha.
Olhai que descubro isto.

SEGUNDO FIDALGO

Sou tão fino em querer bem,
Que de fino tomo a palha,
Pola fé de Jesu Cristo.

Quem quereis que veja olhinhos,
Que se não perca por eles,
Lá per uns jeitinhos lindos,
Que vos metem em caminhos,
E não há caminhos neles,
Senão espinhos infindos?

PRIMEIRO FIDALGO

Eu já não ei de penar
Por amores de ninguém;
Mas dama de bom morgado,
Aqui vai o remirar,
Aqui vai o querer bem,
E tudo bem empregado.

Que porque dance mui bem,
Nem bailar com muita graça,
Seja discreta, avisada,
Formosa quanto Deus tem
Senhor, boa prol lhe faça,
Se seu pai não tiver nada.

Não sejais vós tão Maneias,
Que isso passa já de amor,
E cousas desesperadas.

SEGUNDO FIDALGO

Porém lá por vossas vias
Vou-vos esperar, senhor,

A rendeiro das jugadas.
Porque galante caseiro
É pera pôr em história.

PRIMEIRO FIDALGO

Mas zombai, senhor, zombai.

SEGUNDO FIDALGO

Senhor, o homem inteiro
Não lhe há de vir à memória
Com a dama o de seu pai;
Nem há mais de desejar
Nem querer outra alegria,
Que só *Los tus cabellos niña*.

Não há i mais que esperar
Onde é esta cantiguinha.
E, Todo o mal é de quem no tem.
E, Se o disserem digam — Alma minha,
Quem vos anojou, meu bem:
Hei os todos de grosar,
Ainda que sejam velhos.

PRIMEIRO FIDALGO

Vós, senhor, vindes tão bravo,
Que eu hei-vos medo já .
Polos santos evangelhos
Que levais tudo ao cabo,
Lá onde cabo não ha.

SEGUNDO FIDALGO

Zombais e dais a entender
Zombando, que me entendeis.
Pois de vós mui alto estou,
Porque deveis de saber
Que se de amor não sabeis,
Não podeis ir onde eu vou.

Quando fordes namorado,

Vireis a ser mais profundo,
Mais discreto e mais subtil,
Porque o inundo namorado
É lá, senhor, outro inundo,
Que está além do Brasil.

Oh meu inundo verdadeiro!
Oh minha justa batalha!
Mundo do meu doce engano!

PRIMEIRO FIDALGO

Oh palha do meu palheiro,
Que tenho um mundo de palha,
Palha ainda d'ora a um ano;

E tenho um inundo de trigo
Pera vender a essa gente.
Boa cabeça tem Morale.
Não quero de amor, amigo,
Andar gemente e flente
In hac lachrymarum vale.

SEGUNDO FIDALGO

Vou-me; vós não sois sentido,
Sois mui duro do pescoço;
Não vale isso nem migalha:
Pesa-me de ver perdido
Um homem fidalgo insosso,
Pois tem a vida na palha.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com